



Exposição
Organização da ESAP
com coordenação de Eduarda Neves

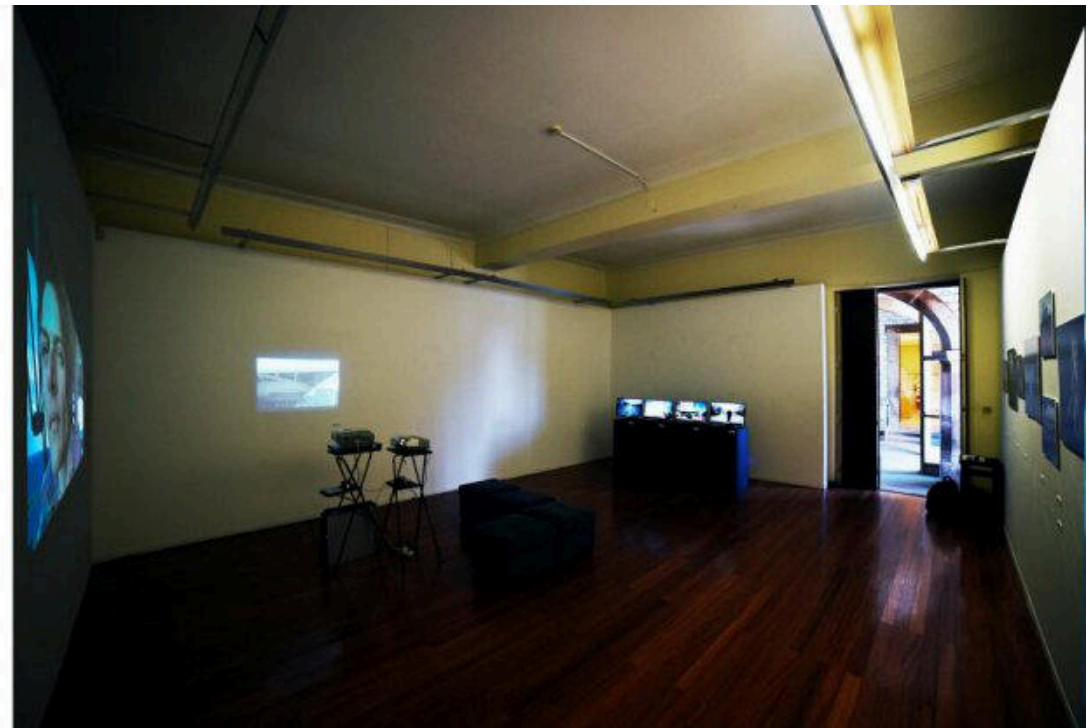
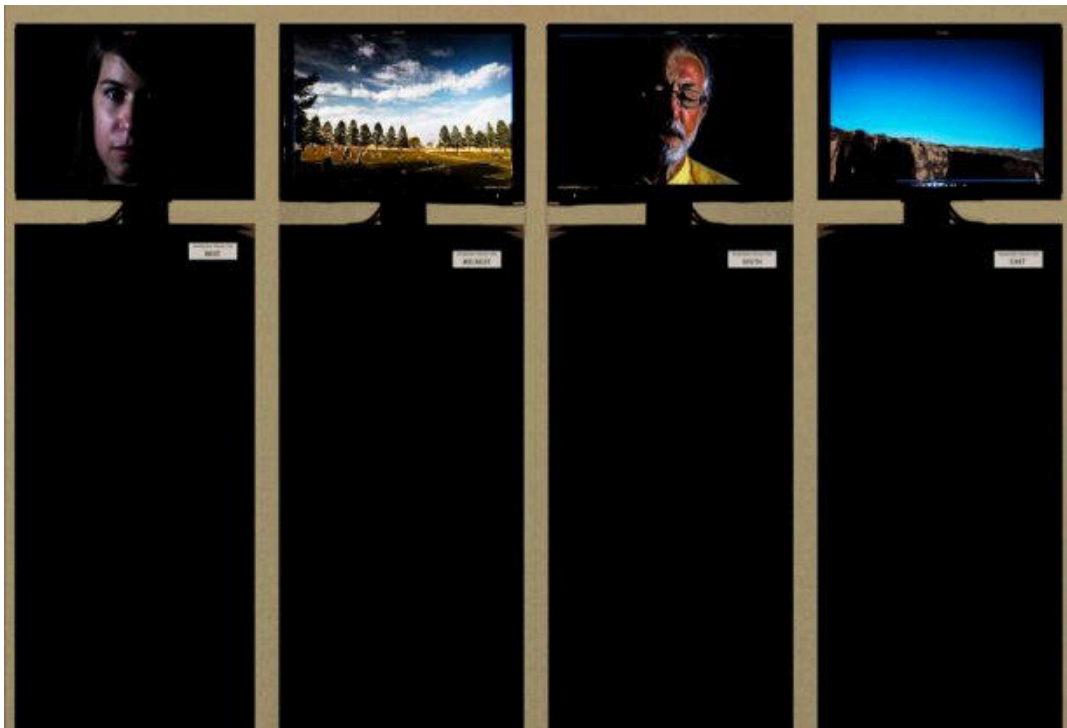
16 Dezembro a 30 de Janeiro
Palácio dos Viscondes de Balsemão,
Porto

PALÁCIO DOS VISCONDES DE BALSEMÃO
Praça de Carlos Alberto, 71, 4050-157 Porto
16 de Dezembro de 2016 a 30 de Janeiro de 2017

http://www.esap.pt/media/activity_files/Catalog_Rob_Rombout_.pdf











Rob Rombout

Amsterdam Stories

PALÁCIO DOS VISCONDES DE BALSEMÃO
Praça de Carlos Alberto, 71, 4050-157 Porto
16 de Dezembro de 2016 a 30 de Janeiro de 2017

AMSTERDAM STORIES

Eduarda Neves

“O fictício não está nunca nas coisas nem nos homens, mas na impossível verosimilhança do que está entre eles: encontros, proximidade do mais longínquo, absoluta dissimulação lá onde nós estamos. A ficção consiste, portanto, não em mostrar o invisível, mas em mostrar o quanto é invisível a invisibilidade do visível” (Michel Foucault – *Ditos e Escritos III*, p.225)

Em *Amsterdam via Amsterdam* (2004) e *Amsterdam Stories USA* (2012), filmes de Rob Rombout e Rogier Van Eck, interrogar torna-se a ferramenta hermenêutica que não se propõe negar ou fazer sucumbir o sentido, mas fazer com que a história se enuncie de outro modo.

Não estamos perante um qualquer inventário da história americana, ao qual chegaríamos pela narrativa da história ou pela história narrada. Escutamos vozes que nos desenvolvem a realidade das condições de existência. Nas suas dimensões primordialmente analíticas e na sua aparente simplicidade, não há lugar, nestas imagens, para formas puras: trata-se de ouvir os que têm a sua própria voz e não os que falam por eles, como nos é dito em *Amsterdam Stories USA*.

Ultrapassando a lógica potencialmente normalizadora da “janela para o mundo”, do referente e do simulacro, as obras, enquanto sistemas sociais de significado, confrontam-nos com espaços estruturados e estruturantes através dos quais vamos organizando e projectando o sentido:

“Os nossos dois modelos básicos de representação apenas compreendem o essencial desta genealogia pop: que as imagens estão ligadas a referentes, a temas iconográficos ou coisas reais do mundo, ou então, alternadamente, que o que todas as imagens podem fazer, é representar outras imagens, que todas as formas de representação (incluindo o realismo) são códigos auto-referenciais. A maioria das explicações da arte do pós-guerra (...) dividem-se num e outro lado desta linha: a imagem como referencial e como simulacral. Esta redutora disjunção restringe tais leituras desta arte”. (Hal Foster – *El Retorno de lo Real*, p.130)

A presença do real não significa a afirmação do realismo mas a defesa de uma poética que encontra na realidade a verdade da aparência ou, à maneira nietzscheana, não há outra verdade a não ser a aparência.

É o “texto fílmico” que se configura como espaço de complexa intertextualidade e se constitui como lugar de diálogo: o quotidiano, as relações sociais, a violência urbana, a morte, a pobreza, o racismo, a multiculturalidade, a segregação, a solidão, a liberdade, a alegria, os ideais, os modos de vida, a colonização, a guerra. Textos que se sobrepõem em camadas, através das quais ouvimos dizer que, apesar da América difundir de si mesma a imagem das grandes cidades, “a maior parte dos americanos são insulares (...) não sabem o que se passa no seu exterior”, embora também possamos falar de “um povo decente, generoso, tolerante”.

De igual forma, nestas *Amsterdam Stories*, se, por um lado, não há lugar para condições excepcionais, por outro, uma certa geografia da memória recorda-nos que, quando pensamos já estar próximos de outro lugar, de um outro tempo, afinal podemos nunca de lá ter saído. No vagabundear destes viajantes que renunciam às certezas, exprime-se o que somos em devir, o nosso devir-outro, o que vamos sendo, mas também o que ainda nos separa de nós próprios.

Como Michel Foucault notou, o navio é heterotopia por excelência:

“o barco é um pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar, que vive por si mesmo, que é fechado sobre si e que é deixado, ao mesmo tempo, ao infinito do mar (...). Compreendem porque é que o barco foi para a nossa civilização, desde o século XVI até aos nossos dias, (...) a maior reserva de imaginação. O navio é a heterotopia por excelência. Nas civilizações sem barcos os sonhos secam, a espionagem substitui a aventura, e a polícia, substitui os corsários.” (Michel Foucault – *Ditos e Escritos III*, p. 46).

Nos barcos de *Amsterdam Stories*, os sonhos não secam e continuam a rasgar o mar.

A de Amsterdam. A de América. A actualidade fez-se anunciar. Não há histórias felizes.

AMSTERDAM STORIES

Eduarda Neves

“The fictitious is never in things or in people but in the impossible verisimilitude of what lies between them: encounters, the proximity of what is most distant, the absolute dissimulation in our very midst. Therefore, fiction consists not in showing the invisible, but in showing the extent to which the invisibility of the visible is invisible” (Michel Foucault – *Dits et écrits III*, p. 225)

In *Amsterdam via Amsterdam* (2004) and *Amsterdam Stories USA* (2012), two films by Rob Rombout and Rogier Van Eck, to question becomes the hermeneutical tool that does not set out to deny meaning or succumb to it, but to make history be told in a different way.

We are not before a random inventory of American history, at which we would arrive through the narrative of history or narrated history. We hear voices that give us back the reality of the conditions of existence. In their essentially analytical dimensions and apparent simplicity, there is no place, in these images, for pure forms: it is about listening to those who have their own voice rather than to those who speak on their behalf, as we are told in *Amsterdam Stories USA*.

Overcoming the potentially normalising logic of the “window into the world”, of the referent and the simulacrum, artworks, as social systems of meaning, confront us with structured and structuring spaces through which we gradually organise and project meaning:

“Our two basic models of representation miss the point of this pop genealogy almost entirely: that images are attached to referents, to iconographic themes or real things in the world, or, alternatively, that all images can do is represent other images, that all forms of representation (including realism) are auto-referential codes. Most accounts of post-war art (...) divide somewhere along this line: the image as referential or as simulacral. This reductive either/or constrains such readings of this art.” (Hal Foster – *The Return of the Real*, p.128)

The presence of the real does not mean to assert realism

but to defend a poetics that finds in reality the truth of appearance or, in a Nietzschean manner, there is no truth other than appearance.

The “filmic text” is shaped as a space of complex intertextuality and becomes a place of dialogue: everyday life, social relations, urban violence, death, poverty, racism, multiculturalism, segregation, loneliness, freedom, happiness, ideals, ways of life, colonization, war. Texts that overlap in layers, through which we hear that, although America projects itself as a land of big cities, “most Americans are insular (...) they do not know what happens outside their borders”, although we can also speak of “a decent, generous, tolerant people”.

Likewise, in these *Amsterdam Stories*, if on the one hand there is no room for exceptional circumstances, on the other a certain geography of memory reminds us that, when we think we are already close to another place, to another time, we might have, after all, never left. In the wandering of these travellers who renounce certainty, is expressed what we are in becoming, our becoming-other; what we gradually become, but also what still separates us from ourselves.

As Michel Foucault noted, the ship is the heterotopia *par excellence*:

“the boat is a floating piece of space, a place without a place that exists by itself, that is self-enclosed and at the same time is given over to the infinity of the sea (...) you will understand why, from the sixteenth century until the present, the boat has been for our civilization (...) the greatest reservoir of imagination. The ship is the heterotopia par excellence. In civilizations without boats dreams dry up, espionage replaces adventure, and the police the pirates.” (Michel Foucault – *Dits et écrits III*, p. 46).

In the boats of *Amsterdam Stories*, dreams do not dry up and continue to plough across the sea.

A for Amsterdam. A for America. Actuality has announced itself. *There are no happy stories.*





Montana



Wisconsin



Amsterdam Texas



Alex Kunkle



Chesney Sherman



Dennis Gallagher

Biografia/Biographie

Rob Rombout (Amsterdão, 1953) vive e trabalha em Bruxelas desde 1975. Professor na St. Lukas, escola de cinema e arte de Bruxelas (LUCA). Co-fundador e executivo do Doc-Nomads International Master (www.docnomads.eu). É um realizador independente de filmes documentais há mais de 30 anos. Todos os seus filmes foram apresentados em festivais e na televisão. Exerce actividade docente com regularidade na SKDA Hanoi, AUT & ALBA Beirute, ESTC, Lisboa e ESAP, Porto. Convidado para palestras e workshops no Brasil, China, Rússia e França. O seu último filme, "On the track of Robert Van Gulik" (87 min, 2016), acaba de ser lançado. Está actualmente a preparar um filme no Porto (Portugal).

Rob Rombout (Amsterdam, 1953) has lived and worked in Brussels since 1975. Teacher at St. Lukas, Brussels film & art school (LUCA). He is co-founder and executive of the Doc-Nomads international Master (www.docnomads.eu). He has been an independent documentary-maker for over 30 years. All films were shown on television and festivals. He is a regular teacher at SKDA Hanoi, AUT & ALBA Beirut, ESTC, Lisbon and ESAP, Porto. He gives lectures and workshops in Brazil, China, Russia & France. His latest film "On the track of Robert Van Gulik" (87 min, 2016) has just been released. He's preparing an ambitious film in Porto (Portugal).

www.robrombout.com

Coordenação/ Coordinated by

ESAP/Eduarda Neves

Tradução/Translation

Moira Difelice

Design Gráfico/Graphic Design

Jorge Cunha Pimentel

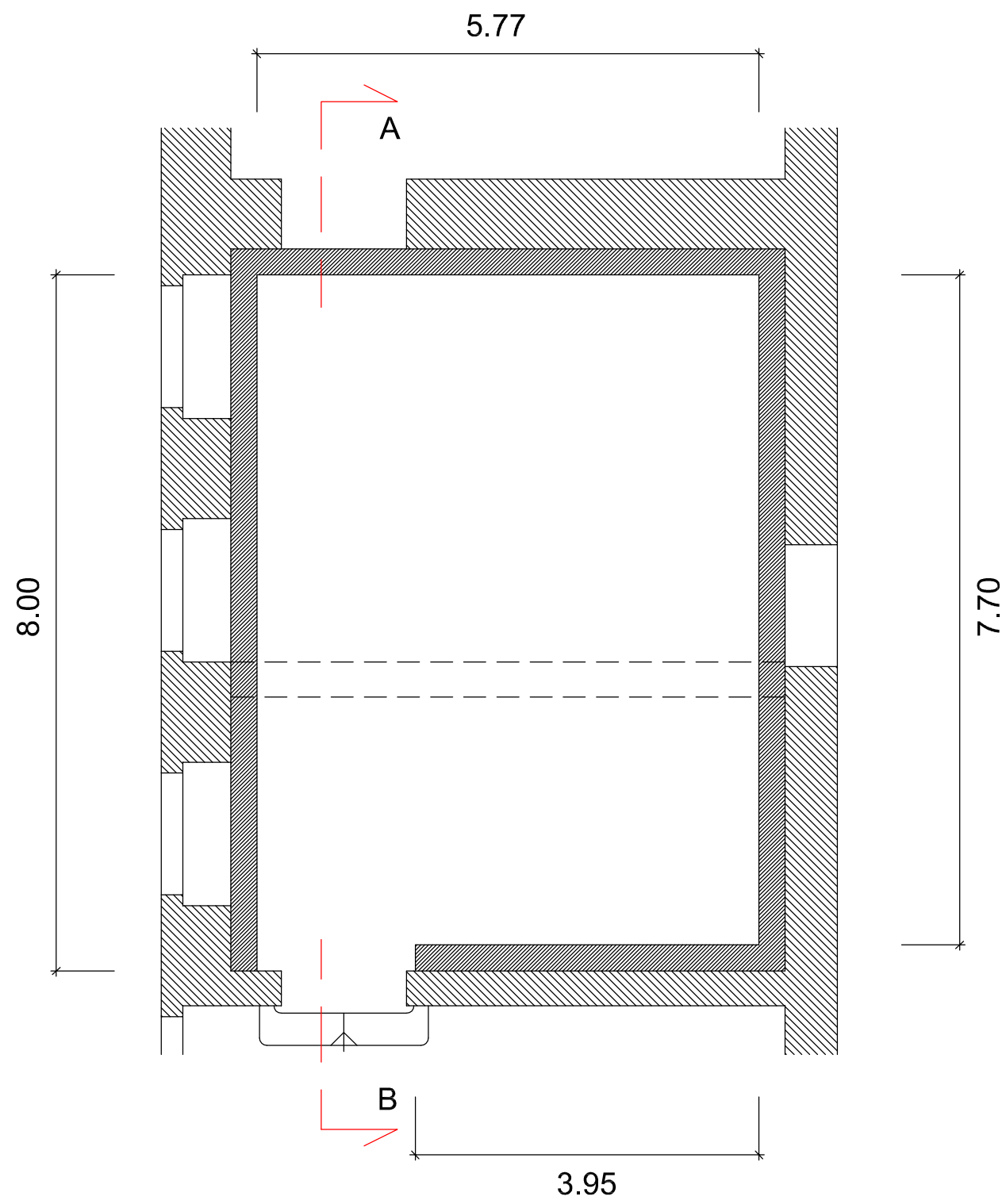
Impressão/Printed by

Empresa Diário do Porto

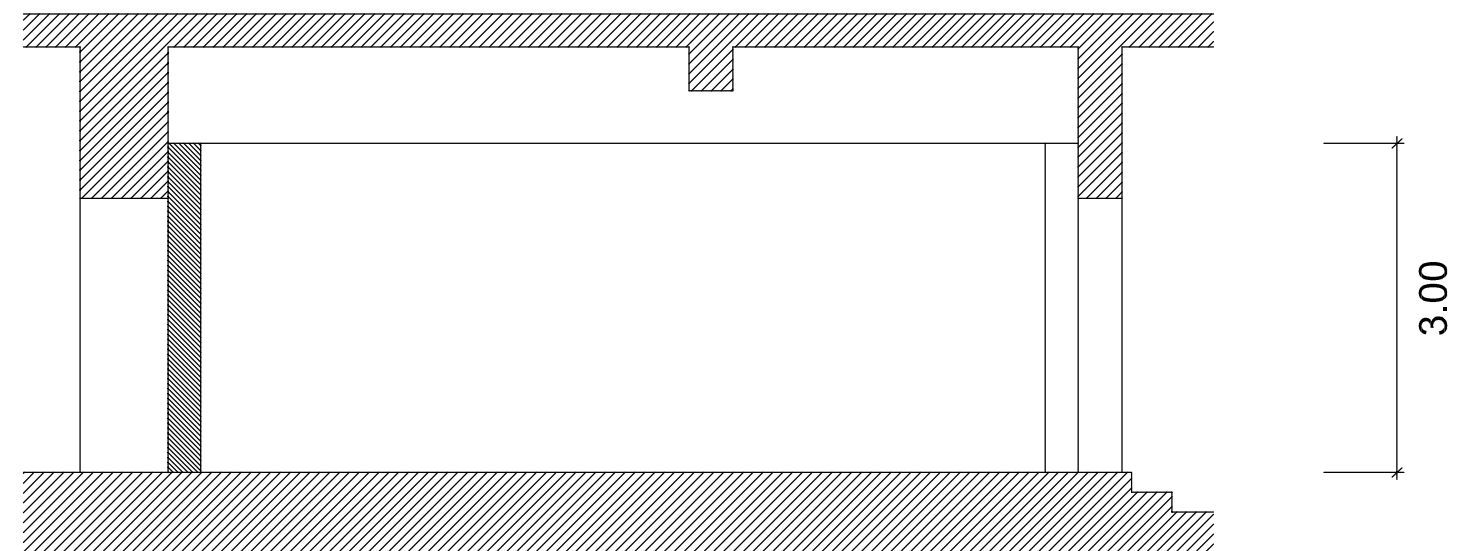
Tiragem/Copies

200





Sala de Exposições



Corte AB